

ANÁLISE DA BASE DE EXPORTAÇÃO DAS MESORREGIÕES PARANAENSES ENTRE 2001 E 2021: DIVERSIFICAÇÃO OU CONCENTRAÇÃO?

ANALYSIS OF THE EXPORT BASE IN THE MESOREGIONS OF PARANA BETWEEN 2001 AND 2021: DIVERSIFICATION OR CONCENTRATION?

Gabriela Daiana Christ
Monitora extensionista PEIEX-Cascavel, administradora pela Unioeste/Mal. C. Rondon, mestranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) pela Unioeste/Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: gabrielachrist@gmail.com

Paulo Henrique de Cezaro Eberhardt
Bacharel em Ciências Econômicas pela Unioeste/Toledo, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Universidade Estadual do Oeste do Paraná pela Unioeste/Toledo e Doutor em Economia do Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: pauloeberhardt@yahoo.com.br

Lucir Reinaldo Alves
Economista. Doutor em Geografia pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Professor adjunto do Curso de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (PGDRA) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisador do Núcleo de Desenvolvimento Regional (NDR) da Unioeste/Toledo e investigador colaborador do Centro de Estudos Geográficos (CEG) da Universidade de Lisboa (ULisboa)-PT. E-mail: lucir_a@hotmail.com

Grupo de Trabalho (GT): GT07. Desenvolvimento rural, territorial e regional

Resumo: Este estudo tem como objetivo identificar o padrão de dispersão das exportações das mesorregiões do Paraná nos anos de 2001, 2011 e 2021. Para tal, foi utilizado o método de análise regional do Quociente Locacional (QL). Os resultados mostraram que os setores relativos à extração, como madeira e pérolas, possuem uma concentração maior em algumas regiões, dado suas características intrínsecas, enquanto a exportação de mercadorias, que necessitam menos de capital intensivo e mão-de-obra menos qualificada, estão mais dispersas no entre as mesorregiões.
Palavras-chave: Economia regional. Análise regional. Exportação. Competitividade. Desenvolvimento Regional.

Abstract: This study aims to identify the pattern of dispersion of exports from the mesoregions of Paraná state in the years 2001, 2011 and 2021. For this, the method of regional analysis of the Location Quotient was used. The results showed that the sectors related to extraction, such as wood and pearls, have a higher concentration in some regions, given their intrinsic characteristics, while the export of goods, which require less intensive capital and less qualified labor, are more dispersed among the mesoregions.
Key words*:* Regional economy. Regional analysis. Export. Regional development. Competitiveness.

1. Introdução

A exportação pode ser um vetor importante para o crescimento econômico e teve um impacto positivo na recuperação da economia dos países, desde a crise econômica de 2008 (OLIVEIRA; GALDINO, 2010) bem como a atual crise sanitária provocada pelo Covid-19 (OLIVEIRA et al., 2021). Quanto a recuperação econômica, iniciar a atividade de exportação ou mesmo aumentar o volume exportado com diversificação da pauta exportadora e dos mercados alvos, pode ser uma alternativa para as regiões brasileiras (BASSO et al., 2021; BRAUN; FERRERA DE LIMA; CARDOSO, 2007).

O encadeamento positivo das atividades exportadoras é tamanho que a Agenda 2030, também conhecida como os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), proposto pelas Nações Unidas em setembro de 2015 (ONU, 2015) elenca o comércio internacional como o motor para o crescimento econômico contribuindo para além da redução da pobreza, mas sobremaneira em prol do desenvolvimento sustentável (CHRIST; ALVES; PIFFER, 2021; UNCTAD, 2016).

E nesse sentido, o Brasil, historicamente, tem se mostrado como um importante ator para prover o mundo com alimentos. Estudos mostram que o Brasil tem posicionamento positivo frente as demandas por produtos agroindustriais, especialmente para alimentos preparados, soja e trigo (CHRIST et al., 2021; SANTOS et al., 2016).

Especificamente no Paraná foi a partir da década de 1970 que se deu, efetivamente, a integração da economia do estado com o Brasil e com o mundo, além da modernização da agropecuária, a diversificação dos ramos industriais e entre outros fatores que contribuíram para a formação de um novo arranjo geoeconômico no estado do Paraná (PIFFER, 2009). Para o autor, ao crescer a economia de base, cresce toda a economia da região (PIFFER; AREND, 2009). No entanto, vale mencionar que regiões novas crescem quando se aumenta a demanda das demais regiões pelos seus produtos, oriundas das empresas localizadas no seu território.

Além do mais, é sabido a importância do planejamento regional para além de compreender sua dinâmica, disponibilizar um diagnóstico da região para *policymakers,* empresários ou mesmo investidores tomar decisões (PIACENTI; FERRERA DE LIMA, 2012; SIMÕES, 2005). Ao utilizar métodos de análise regional e considerando a variável emprego formal, Silva et al. (2020) analisaram diversos indicadores entre 2002 e 2018 e verificaram que é o setor primário do Paraná que concentra a maior força de trabalho em diversas regiões que por sua vez encontram na agricultura sua força motriz.

Com isso, o problema de pesquisa que orienta esse trabalho está em identificar: houve ou não diversificação na pauta exportadora das mesorregiões do Paraná entre 2001, 2011 e 2021? Para responder a esta pergunta de pesquisa, dois objetivos específicos são definidos. Primeiro: qual a seção de produtos mais importante na pauta exportadora do estado? Segundo: qual mesorregião é mais especializada/diversificada?

Além dessa introdução, o artigo contempla as seguintes seções: revisão bibliográfica (2), trazendo breves notas sobre o setor motriz de Perroux e a base de exportação de North; metodologia (3), onde reúne os procedimentos para o desenvolvimento do trabalho; resultados e discussão (4); e por fim as conclusões (5) do estudo.

2 O setor motriz de Perroux e a base de exportação de North

Tanto na teoria de Douglass North quanto na de François Perroux são mencionados efeitos econômicos-funcionais, engendrados pelo setor motriz/base de exportação sobre a estrutura de produção e de mercado/demanda das diferentes regiões.

François Perroux é autor da teoria sobre Polos de Crescimento (PERROUX, 1955). Segundo sua teoria, o polo de crescimento surge devido ao aparecimento de uma indústria motriz, considerando como tal aquela indústria que, antes das demais, realiza a separação dos fatores da produção, provoca a concentração de capitais sob um mesmo poder e decompõe tecnicamente as tarefas e a mecanização. Para o autor: “a economia nacional em crescimento, não nos parece já um mero território, organizado politicamente, em que habita uma população, nem um grupo de factores de produção, cuja mobilidade não existe nas fronteiras” (PERROUX, 1955, p. 18). Isto é, o crescimento não é simétrico entre as regiões e nem se apresenta de forma



onipresente. Têm-se aí uma justificativa para estudar o desenvolvimento regional (PLEIN, 2015).

Entre os efeitos econômicos-funcionais engendrados pelo setor motriz sobre a estrutura de produção e de mercado/demanda regionais, estão (HADDAD, 1989; PERROUX, 1955; SCHUMPETER, 1961):

- *Criação de novas empresas:* encadeamentos produtivos para trás e para frente (a aparição de uma ou várias indústrias diversifica a atmosfera de um período e cria um clima que conduz ao crescimento e ao progresso (exemplo: empresas prestadoras de serviço que nasceram "no entorno" da SADIA em Toledo localizada no Oeste do estado do Paraná).
- *Inovação:* A inovação introduz variantes diferenciadas e suplementares no horizonte econômico e nos planos de agentes e de grupo de agentes dinâmicos: tem um efeito estabilizador. A inovação realizada com êxito, ao patentear a desigualdade entre os agentes que a aplicam e os que permanecem estáticos excita neles um desejo de sucesso e poder semelhantes.
- *Capital humano e social*: Surgem empresários e trabalhadores qualificados que se influenciam entre si, formam quadros industriais, criam as suas tradições individuais e, eventualmente, participam num espírito coletivo.
- *Capital financeiro*: o polo industrial complexo, geograficamente aglomerado, modifica não só o seu ambiente geográfico imediato, mas também – se é suficientemente poderoso – modifica toda a estrutura da economia do país em que atua. Como centro da acumulação e aglomeração de recursos humanos e capital fixo, dá origem a outros centros de acumulação e aglomeração.
- *Papel intervencionista do Estado*: necessidades coletivas: habitação, transporte, educação, saúde, serviços públicos surgem encadeadas.

Nesse sentido, o setor motriz (que é o elo principal da cadeia), é capaz de gerar e difundir desenvolvimento ao longo do tempo e do espaço regional pois, a partir dele: novas formas de organizações são criadas (empresas), inovações são geradas, pessoas são qualificadas, renda é difundida e multiplicada localmente, capital financeiro é atraído para o polo, e o Estado é quem faz as regras do jogo (NORTH, 1990), ou seja, tem a capacidade de promover o desenvolvimento (que pode andar junto com o crescimento). A função do Estado nesse sentido é diminuir a assimetrias regionais, é preciso criar cadeias produtivas planejadas para que os municípios cresçam juntos, territorialmente (MATOS, 2008).

Já a teoria do economista estadunidense Douglass North aparece entre as controvérsias nas teorias da localização e do crescimento regional, com o objetivo de explicar a dinâmica da economia norte-americana, tratando-se de avanço da teoria da base econômica, por meio do entendimento do crescimento de regiões amparadas por estruturas capitalistas (MADUREIRA, 2015).

North (1977) sugere 5 (cinco) estágios para o desenvolvimento relacionando tanto a teoria da localização quanto a teoria do crescimento regional, são eles: fase (I) de economia de subsistência, ou seja, pouco investimento ou comércio, ao passo que a região melhorará seus sistemas de transportes, e passará para a fase (II) onde a região passa a ter algum comércio e especialização local. A partir disso, (III) a região tende ao encadeamento de produção de cultura agrícola (pecuária, horticultura etc.), na sequência têm-se a fase (IV) de industrialização, o que o autor descreve como "introdução das chamadas atividades secundárias (indústrias manufatureiras e mineração) numa escala considerável" (NORTH, 1977). Finalmente a última fase (V) trata-se do estágio de desenvolvimento regional, quando a região se especializa e exporta capital, mão de obra qualificada etc. Para North (1977, p. 312–313):

> A importância da base de exportação é o resultado do seu papel básico na determinação do nível de renda absoluta e per capita de uma região, e consequentemente, na determinação da quantidade de atividades locais, secundárias e terciárias, que se desenvolverão. A base de exportação também influenciou significativamente o tipo da indústria subsidiaria, a distribuição da população e o padrão de urbanização, o tipo da força de trabalho, as atitudes sociais e políticas da região e sua sensibilidade a flutuações da renda e do emprego […].

Ou seja, tendo em vista que o crescimento de uma região está vinculado ao sucesso dos seus produtos de exportação (coletivamente, ou seja, inerente a região), também chamado de "base de exportação", o autor sugere examinar em maior medida as razões da base de exportação.

Após 1970, surgiram outras formas de organização produtiva. Alguns autores definem como sendo novos modelos de inovação territorial (DUARTE; SCHNEIDER, 2019; MAILLAT, 1998), outros autores conceituam como novas formas de desenvolvimento endógeno (PIACENTI, 2016), outros pesquisadores ainda como novas dinâmicas institucionais locais (FERRERA DE LIMA, 2020; SANTOS, 1994). A partir dessa década foi comum haver uma terceirização dos processos produtivos em determinados setores, maior divisão de trabalhos entre pequenas firmas, grande especialização nas diferentes etapas da produção de forma interdependente e desconcentração geográfica da produção.

No que toca a localização das atividades econômicas em determinados territórios e não em outros e na própria análise regional, vários são os fatores regionais e locais levados em conta para a tomada de decisões de localização a partir de 1970, como por exemplo: a força de trabalho de uma determinada região, o capital científico (universidades e institutos de pesquisa), infraestrutura (rodovias, energia, água), governança e cultura empresarial (poderes públicos e clima de negócios) e economias de aglomeração (concentração urbana, custos fixos de infraestrutura) (FERRERA DE LIMA; ALVES, 2012; RODRIGUES; ALVES, 2018).

Esses novos fatores de localização foram responsáveis por criar, também, novos modelos de produção, tais como: Meio inovador, Distritos Industriais (ID), Arranjo Produtivo Local/Sistemas de Produção Localizados (APL), Novos espaços industriais, Clusters de inovação, Sistemas Regionais de Inovação (SRI), e a Região de Aprendizagem (RA). Já as características em comum destes diferentes modelos estão (MAILLAT, 1998):

- Todos os conceitos se referem a territórios que exibes um certo grau de homogeneidade e contendo um sistema de produção geralmente especializado;
- Os produtos e tecnologias usados são baseados em fatores de produção não materiais específicos (conhecimento técnico, cultura, empreendedorismo) historicamente constituídos e territorialmente acumulados e são "vantagens comparativas" que geram externalidades positivas e efeitos favoráveis de proximidade;
- As áreas representadas, as tecnologias utilizadas e os produtos fabricados são frequentemente compatíveis com o pequeno tamanho de unidades de produção isso não significa, no entanto, que as grandes empresas não tenham lugar;
- Os estreitos vínculos multidirecionais e complexos de interdependência entre empresas locais resultam na formação de redes de cooperação e intercâmbio, tanto de produção quanto de inovação;
- Esses sistemas de produção permitem que as empresas se beneficiem da aglomeração local, decorrente das relações intensas entre empresas locais. Essas relações ampliam a divisão do trabalho, permitindo uma especialização produtiva cada vez maior, além da introdução e integração de novas tecnologias;



- A implementação de acordos de colaboração e o compartilhamento de experiências originam dinâmicas de aprendizagem que permitem as empresas se adequarem às mudanças no ambiente externo;
- Devido ao estreito relacionamento econômicos entre as empresas, há fortes laços de confiança mútua entre parceiros, que impede ou limita um eventual comportamento oportunista;
- O volume de produção desses sistemas é grande o suficiente para cobrir uma parcela significativa da produção e das exportações nacionais, característica importante e que intensifica seu envolvimento na concorrência e comércio internacional.

Nesse sentido, no processo de desenvolvimento regional/local existem dois componentes que influenciam todo o processo e têm 'poder' para ditar o ritmo de desenvolvimento das regiões, que são (I) os componentes endógenos (ou diferenciais/geográficos) e (II) os componentes exógenos (ou estruturais) (HADDAD, 2010; MOULAERT; SEKIA, 2003; PIACENTI, 2016). Sendo assim,

> O desenvolvimento regional é caracterizado como uma etapa ou um processo. Etapa porque refrete o grau de avanço, progresso e melhoria nas condições de vida, tanto no aspecto produtivo quanto de bem-estar social. Processo porque para se chegar a determinados estágios de desenvolvimento, um conjunto de ações, políticas e movimentos são postos em marcha. Isso ocorre de forma espontânea ou induzida por elementos endógenos (internos) ou exógenos (externos) ao espaço regional. (FERRERA DE LIMA, 2016, p. 16).

No caso de componentes endógenos (PIACENTI, 2016), estes estão relacionados a fatores geográficos, como recursos naturais, recursos humanos, experiências empreendedoras, existência de estrutura industrial, educação técnica etc. No caso de componentes exógenos, estes estão relacionados a fatores estruturais e depende, principalmente (mas não exclusivamente), do esboço das políticas macroeconômicas, do critério que guia a alocação de recursos entre as regiões e da demanda externa (PIACENTI; FERREIRA LIMA; EBERHARDT, 2016).

3. Procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa de abordagem quantitativa, enquadrando-se quanto aos objetivos de estudo de caso descritivo, ou seja, procura descrever as características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental (CRESWELL, 2009). Quanto a perspectiva temporal, trata-se de uma pesquisa longitudinal. Para visualização das modificações regionais, será utilizado como delimitação temporal os anos de 2001, 2011 e 2021, sendo o ano de 2001 (antes da crise), 2011 (pós-crise de 2008) e 2021 (durante a pandemia provocada pela Covid-19).

Esta pesquisa foi efetuada em quatro etapas principais: a primeira, de caráter teórico e conceitual, a partir de uma revisão de literatura sobre o tema, fundamentou as análises posteriores a respeito das teorias de François Perroux (setor motriz) e Douglass North (base de exportação) para o desenvolvimento regional.

A segunda etapa foi destinada a coleta de dados secundários, coletados de fontes oficiais, qual seja: o banco de dados disponibilizado pelo Ministério da Economia, Comex Stat, portal para acesso gratuito às estatísticas de comércio exterior do Brasil (BRASIL, 2022).

Apesar do emprego ser a variável mais utilizada na literatura e nos métodos de análise regional (ALVES, 2012), é possível destacar alguns estudos que utilizaram outras variáveis, tais como área colhida em hectares (ha) (GALAFASSI; ALVES, 2021; GALAFASSI;

BEBBER; SHIKIDA, 2021). Neste trabalho optou-se por utilizar a variável valores (US$) de exportação, sendo considerado as 22 (vinte e duas) seções da classificação fiscal das mercadorias (Tabela 1).

Ou seja, a divisão setorial utilizada são as 22 seções utilizadas para classificação de mercadorias aplicada pelo Brasil a partir da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), que por sua vez são baseadas no Sistema Harmonizado (SH). Para análise descritiva dos dados selecionou-se aqueles setores que mais se destacaram no período proposto.

Tabela 1 – Classificação das Mercadorias por Seção

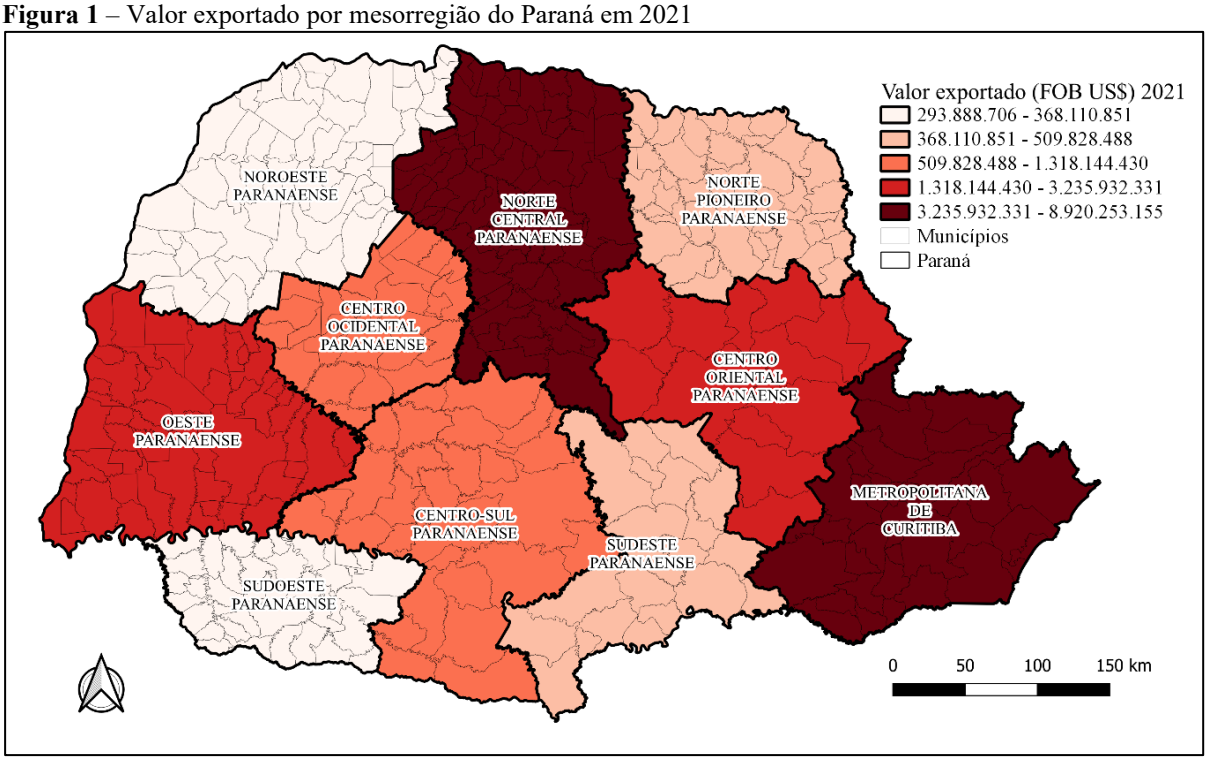
Código Seção	Descrição Seção
I	Animais vivos e produtos do reino animal
II	Produtos do reino vegetal
III	Gorduras e óleos animais ou vegetais; Produtos da sua dossociação; Gorduras alimentares elaboradas; Ceras de origem animal ou vegetal
IV	Produtos das indústrias alimentares; Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; Tabaco e seus sucedâneos manufaturados
IX	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira; Cortiça e suas obras; Obras de espartaria ou de cestaria
V	Produtos minerais
VI	Produtos das indústrias químicas ou indústrias conexas
VII	Plásticos e suas obras; Borracha e suas obras
VIII	Peles, couros, peles com pelo e obras destas matérias; Artigos de correeiro ou de seleiro; Artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; Obras de tripa
X	Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; Papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas); Papel e suas obras
XI	Matérias têxteis e suas obras
XII	Calçado, chapéus e artefatos de uso semelhante, guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, chicotes e suas partes; Penas preparadas e suas obras; Flores artificiais; Obras de cabelo
XIII	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes; Produtos cerâmicos; Vidro e suas obras
XIV	Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas ou semipreciosas e semelhantes, metais preciosos, metais folheados ou chapeados de metais preciosos, e suas obras; Bijuteria; Moedas
XIX	Armas e munições; suas partes e acessórios
XV	Metais comuns e suas obras
XVI	Máquinas e aparelhos, material elétrico e suas partes; Aparelhos de gravação ou reprodução de som, apar.lhos de gravação ou reprodução de imagens e de som em televisão, suas partes/acessórios
XVII	Material de transporte
XVIII	Instrumentos e aparelhos de ótica, fotografia ou cinematografia, medida, controle ou de precisão; Instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; Relógios e aparelhos semelhantes; Instrumentos musicais; Suas partes e acessórios
XX	Mercadorias e produtos diversos
XXI	Objetos de arte, de coleção e antiguidades
XXII	Transações especiais

Fonte: elaborados pelos autores com base COMEX STAT (BRASIL, 2022).

O estado do Paraná representa 2,3% do território nacional e possui área total de 199.298,982 km². De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), o estado conta com 399 municípios que estão divididos em mesorregiões homogêneas que assim como as microrregiões homogêneas – estabelecidas em 1977 e resultado de um trabalho da Divisão Regional iniciada em meados da década de 1960 – buscam definir um sistema regional que permite o desenvolvimento de estudos regionais a diferentes níveis de agregação. Estes estudos possibilitam o uso de informações que nem sempre eram representativas para as unidades observacionais vigentes.

Para uma melhor compreensão das dinamizações espaciais, o recorte territorial deste estudo compreenderá as 10 mesorregiões do estado do Paraná, a partir da classificação do IBGE conforme Figura 1, em que os resultados serão melhor apresentados na próxima seção (resultados e discussão).

Figura 1 – Valor exportado por mesorregião do Paraná em 2021



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Comex Stat (BRASIL, 2022).

A partir da especialização regional, optou-se por utilizar o Quociente Locacional (QL) com o intuito de identificar as mesorregiões mais especializadas e qual(is) as seções mais importantes para este resultado. Inicialmente desenvolvido para quantificar índices do mercado de trabalho, o QL ganhou notoriedade em outros segmentos, inclusive na agropecuária, pelo fato de proporcionar uma análise mais abrangente de seus resultados (ALVES, 2012).

O QL irá comparar as mesorregiões paranaenses, uma a uma, e destacar aquelas que possuem maior valor exportado em determinada seção comparativamente a região de referência, que será o próprio estado do Paraná, se tornando um indicador interessante para analisar o potencial produtivo de cada mesorregião. Assim sendo, quando o QL≥1, diz-se que a região é especializada em tal seção (ALVES, 2012; HADDAD, 1989).

A *equação* (1) para o cálculo do QL é representada da seguinte forma:

$$QL = \frac{X_{ij}/X_{it}}{X_{tj}/X_{tt}} \qquad (1)$$

Em que:
X_{ij} = valor exportado (US$) no setor *i* da mesorregião *j*;
X_{it} = valor exportado (US$) no setor *i* no Paraná;
X_{tj} = valor exportado (US$) na mesorregião *j*;
X_{tt} = valor exportado (US$) no Paraná.

Além do cuidado ao se escolher a região de referência, para não enviesar os dados, recomenda-se cautela ao analisar os resultados considerando o padrão de demanda local, caso haja tecnologia mais intensiva em trabalho (exemplo: indústria têxtil). O QL é bastante sensível a agregação regional e ao grau de detalhamento setorial (quantidade de ramos de atividade).

4. Resultados e discussão

A presente seção tem como objetivo mostrar os dados de exportação do Paraná dos diversos setores e para os três períodos escolhidos para essa análise, assim como o QL. O objetivo do QL é mostrar o padrão de dispersão das exportações das mesorregiões paranaenses. A Tabela 2, contém as informações do valor exportado do Paraná dividido por seção para os anos de 2001, 2011 e 2021, com destaque para as três seções que mais exportaram nos referidos anos.

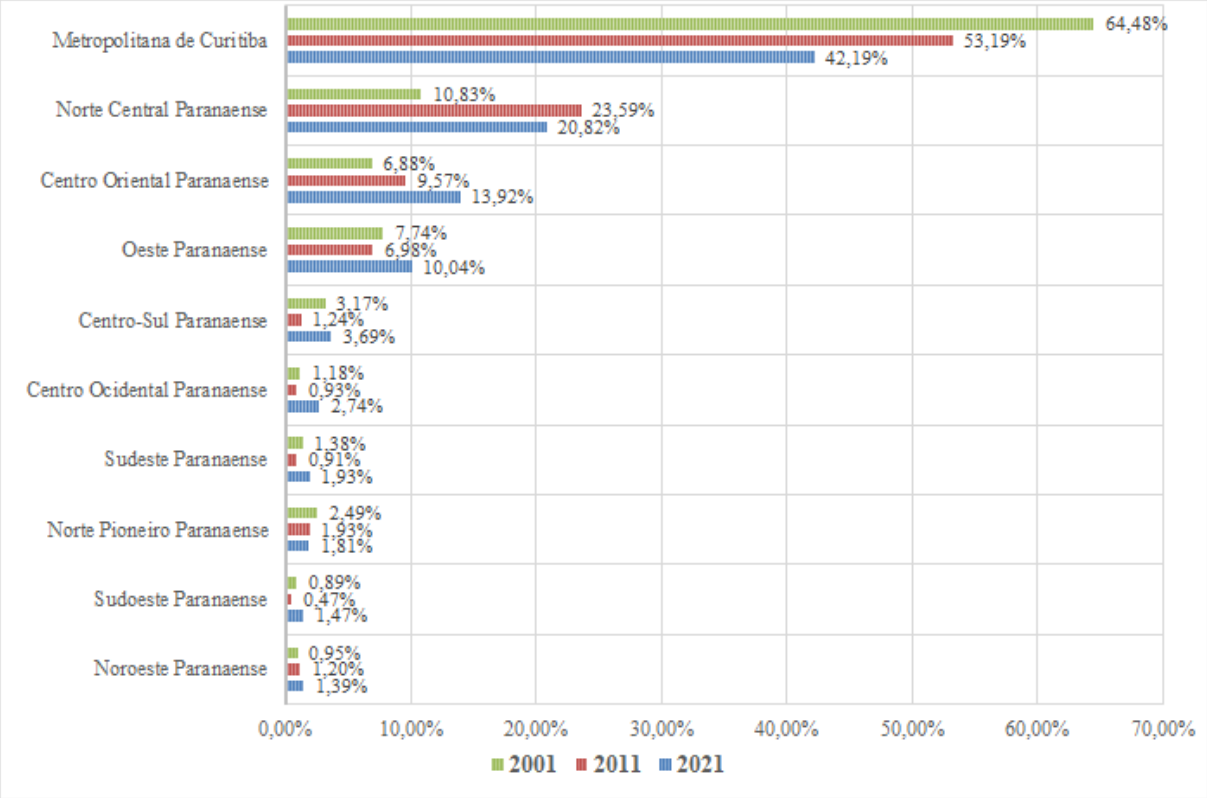
Tabela 2 – Valor total (US$ FOB) exportado do Paraná por seção – 2001/2011/2021

Seção		Paraná							Brasil	Market-share PR no BR
		2001	% 2001	2011	% 2011	2021	% 2021	Δ var. 2011/2021	2021	2021
I	Animais vivos e prod do reino animal	565.852.779	10,90%	**3.496.666.018**	17,91%	**3.470.681.241**	16,41%	-0,74%	19.734.499.041	**17,59%**
II	Produtos do reino vegetal	**847.757.234**	16,33%	**4.523.326.333**	23,17%	**6.152.885.119**	29,10%	36,03%	**52.035.664.407**	11,82%
III	Gorduras e óleos animais ou vegetais	138.139.463	2,66%	634.630.413	3,25%	648.742.047	3,07%	2,22%	2.753.131.381	**23,56%**
IV	Produtos das indústrias alimentares	**1.058.838.361**	20,39%	**4.137.085.180**	21,19%	**3.385.570.728**	16,01%	-18,17%	**25.357.399.186**	13,35%
V	Produtos minerais	23.338.792	0,45%	332.142.368	1,70%	366.234.474	1,73%	10,26%	**87.589.600.082**	0,42%
VI	Produtos das indústrias químicas	106.346.287	2,05%	565.428.807	2,90%	620.824.201	2,94%	9,80%	11.415.311.222	5,44%
VII	Plásticos e suas obras	27.444.736	0,53%	107.925.208	0,55%	180.680.712	0,85%	67,41%	5.234.229.022	3,45%
VIII	Peles	88.388.117	1,70%	282.774.168	1,45%	208.940.071	0,99%	-26,11%	1.496.761.195	13,96%
IX	Madeira	500.093.783	9,63%	698.753.867	3,58%	1.833.466.134	8,67%	**162,39%**	4.501.194.362	**40,73%**
X	Papel e suas obras	163.600.432	3,15%	471.118.661	2,41%	1.209.917.061	5,72%	**156,82%**	8.698.492.467	13,91%
XI	Matérias têxteis e suas obras	49.591.724	0,96%	222.957.135	1,14%	100.401.622	0,47%	-54,97%	4.477.556.021	2,24%
XII	Calçado	8.497.815	0,16%	11.389.285	0,06%	15.280.693	0,07%	34,17%	1.053.876.028	1,45%
XIII	Obras de pedra	42.186.555	0,81%	65.222.072	0,33%	94.014.935	0,44%	44,15%	2.170.299.072	4,33%
XIV	Pérolas	265.297	0,01%	2.631.791	0,01%	6.357.807	0,03%	141,58%	6.265.057.813	0,10%
XV	Metais comuns e suas obras	69.437.489	1,34%	214.849.922	1,10%	171.110.655	0,81%	-20,36%	19.000.090.382	0,90%
XVI	Máquinas e aparelhos	439.364.036	8,46%	1.251.789.315	6,41%	978.873.617	4,63%	-21,80%	14.439.212.200	6,78%
XVII	Material de transporte	**937.179.418**	18,05%	1.918.144.363	9,83%	1.426.526.068	6,75%	-25,63%	11.672.199.465	12,22%
XVIII	Instrumentos e aparelhos de ótica	19.983.999	0,38%	39.236.269	0,20%	67.039.236	0,32%	70,86%	862.738.807	7,77%
XIX	Armas e munições	0	0,00%	7.280.648	0,04%	5.470.700	0,03%	-24,86%	376.984.507	1,45%
XX	Mercadorias e produtos diversos	48.877.387	0,94%	140.260.107	0,72%	197.459.904	0,93%	40,78%	1.323.716.697	14,92%
XXI	Objetos de arte	0	0,00%	77.882	0,00%	4.907.937	0,02%	**6201,76%**	174.520.206	2,81%
XXII	Transações especiais	56.600.985	1,09%	396.097.857	2,03%	0	0,00%	-100,00%	0	0,00%
	∑ Total	**5.191.784.689**	**100,00%**	**19.519.787.669**	**100,00%**	**21.145.384.962**	**100,00%**	**8,33%**	**280.632.533.563**	**7,53%**

Fonte: elaborado pelas autores a partir de Comex Stat (BRASIL, 2022).

No ano de 2021, o estado do Paraná teve recorde de exportações foram US$ 21 bilhões, o maior volume exportado no século XXI. Em comparação com 2011, o ano de 2021 representou um crescimento de 8,33% (BRASIL, 2022). Para visualizar como se dá a evolução entre as mesorregiões, a Figura 2 mostra a comparação relativa do valor exportado por mesorregião do Paraná em 2001, 2011 e 2021.

Figura 2 – Participação percentual no valor total exportado das mesorregiões do Paraná 2001/2011/2021



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Comex Stat (BRASIL, 2022).

Ainda que a capital paranaense concentre a maior parte das exportações do estado, trata-se de 42,19% do total exportado em 2021, esta relação vem diminuindo ao longo dos anos. Em 2001 a região Metropolitana de Curitiba concentrou 64,48% das exportações do estado. Em segundo lugar aparece a mesorregião Norte Central paranaense, em 2021 a mesorregião exportou US$ 4,40 bilhões, isto é, 20,82% das exportações do estado tiveram origem o Norte Central paranaense, importante destacar que esta relação diminuiu entre os anos, em 2011 esta região concentrou 23,59% do total exportado (US$) pelo estado do Paraná. Em terceiro está o Centro Oriental paranaense com 13,92%.

Para continuar subsidiando as informações para responder à pergunta de pesquisa que orienta este estudo, a Tabela 3 mostra o QL para os diversos setores pesquisados para os três períodos (2001, 2011 e 2021). A começar pela Região Metropolitana de Curitiba, sete eram os setores com QL acima de um em 2001, passaram a ser onze em 2011 e treze em 2021. O setor de produtos minerais obteve, nos três períodos, QL acima de um, assim como máquinas e aparelhos, material de transporte e instrumentos e aparelhos de ótica. É importante notar que esses setores tiveram QL>1 apenas nessa mesorregião (com exceção de instrumentos e aparelhos de ótica no Sudoeste em 2021). É importante salientar que a variável de análise é exportação, então a interpretação dos valores do QL é diferente em relação às pesquisas que utilizam produção ou emprego no cálculo do QL. Ou seja, o QL mostra que o produto foi exportado daquela região, não necessariamente produzido naquela região. Isso explica os

resultados da região metropolitana de Curitiba, em que os produtos podem ser levados até lá para se agregar valor e então serem exportados, já que é nessa mesorregião que se encontra um dos principais portos do Brasil, o porto de Paranaguá.

A segunda mesorregião com maior número de QLs acima de um foi o Oeste paranaense (10, 9 e 8 QL>1, respectivamente, nos três períodos). Os setores que tiveram suas exportações concentradas no Oeste foram as ligadas à agricultura e indústria leve, tais como animais vivos, gorduras e óleos animais ou vegetais e indústria têxtil.

Cabe salientar algumas características sobre alguns setores de exportação paranaenses. O setor de pérolas obteve valores relativamente altos de QL, um setor que representou apenas 0,03% do total de exportações do Paraná em 2021, e é concentrado em algumas poucas mesorregiões. O que faz sentido, dado que suas jazidas não se encontram de forma uniforme no território. Uma das regiões que obteve QL>1 foi o Noroeste, que possui um município chamado Pérola. Essa mesorregião concentrava 23,36% de toda a exportação estadual em 2021 e a Metropolitana de Curitiba 64,93%.

O setor de exportação de madeiras possui as mesmas características do setor de pérolas no quesito de distribuição espacial desigual e concentrada. É um setor que representou 8,67% do total de exportações do estado em 2021. Entretanto, as florestas com madeira para exportação não são distribuídas de forma igual no território, isso explica a concentração das exportações de madeiras em algumas mesorregiões. No caso do Paraná, essas mesorregiões são Centro-Sul (concentrando 26,78% das exportações em 2021), Centro-Oriental (26,49%), Metropolitana de Curitiba (26,36%) e o Sudeste (14,37%). Juntas essas quatro mesorregiões representaram 94,00% do total de exportações do Paraná em 2021.

Por um lado, as mesorregiões com maiores valores de exportações são as mais ricas do estado, corroborando a correlação positiva existente entre PIB e exportações, encontrada em outras pesquisas (CARMO; RAIHER; STEGE, 2017). Por outro lado, cabe salientar que, conforme mostra a Tabela 2, os produtos exportados pelas mesorregiões paranaenses possuem de maneira geral, baixo valor agregado. Portanto, ainda falta aos municípios paranaenses cumprir algumas etapas propostas por North (1977), que são as mesmas conclusões da teoria desenvolvida mais recentemente da complexidade econômica, quais são: agregar valor aos produtos exportados, incorporando mais tecnologia, que utilizem mais capital físico e humano e, de forma geral, produzindo e exportando bens mais complexos (HIDALGO; HAUSMANN, 2009).

Dessa forma, as regiões poderão extrair todas as externalidades das exportações, depender menos das importações entrar num mercado em que sua estrutura se pareça mais com um oligopólio, com mais restrições à entrada de concorrentes e margem de lucros maiores.



Tabela 3 – Quociente Locacional do Valor Exportado (FOB US$) do Paraná 2001/2011/2021

Seção		Metropolitana de Curitiba			Norte Central Paranaense			Centro Oriental Paranaense			Oeste Paranaense			Centro-Sul Paranaense			Centro Ocidental Paranaense			Norte Pioneiro Paranaense			Sudeste Paranaense			Sudoeste Paranaense			Noroeste Paranaense		
		2001	2011	2021	2001	2011	2021	2001	2011	2021	2001	2011	2021	2001	2011	2021	2001	2011	2021	2001	2011	2021	2001	2011	2021	2001	2011	2021	2001	2011	2021
I	Animais vivos e prod do reino animal	**1,06**	**1,01**	0,71	0,76	0,39	0,59	0,86	**1,12**	0,11	**1,78**	**2,97**	**3,80**	0,05	0,16	0,38	0,00	0,00	**1,57**	0,43	**1,61**	0,95	0,46	0,28	0,17	0,17	**1,97**	**4,61**	**1,88**	**1,13**	**2,61**
II	Produtos do reino vegetal	0,91	0,85	**1,24**	**1,61**	**1,88**	**1,69**	0,50	0,26	0,17	**1,65**	0,66	0,36	0,49	0,29	0,24	**1,35**	**1,65**	**1,14**	0,29	0,18	0,16	0,18	0,27	0,64	**3,55**	**1,75**	0,21	0,09	0,04	0,42
III	Gorduras e óleos animais ou vegetais	0,92	0,59	0,65	**1,09**	0,80	0,64	0,19	**4,67**	**3,12**	**2,11**	0,43	**1,04**	0,07	0,61	0,24	0,32	0,15	**1,61**	**4,10**	0,47	0,03	0,00	0,01	0,00	0,13	0,14	0,00	0,54	0,24	0,01
IV	Produtos das indútrias alimentares	0,82	0,61	0,42	**1,92**	**1,74**	**1,73**	0,75	**1,17**	**1,79**	0,84	0,37	0,49	0,06	0,13	0,76	**3,51**	**2,69**	**2,00**	**3,23**	**2,18**	**2,70**	0,01	**2,29**	0,02	0,13	0,19	0,13	**2,29**	**3,29**	**2,14**
V	Produtos minerais	**1,48**	**1,82**	**2,18**	0,00	0,02	0,02	0,07	0,16	0,03	0,48	0,15	0,66	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,03	0,27	0,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,10	0,20
VI	Produtos das indústrias químicas	0,58	**1,05**	**1,12**	**1,70**	0,39	0,69	**4,16**	0,78	0,65	**1,18**	**2,23**	**1,24**	0,28	**2,67**	**1,58**	0,00	0,05	0,00	**1,67**	**3,74**	**5,02**	0,93	0,73	0,38	0,26	0,00	0,09	0,04	0,67	0,94
VII	Plásticos e suas obras	0,64	**1,07**	**1,41**	**1,59**	**1,07**	0,77	0,52	0,42	0,55	**4,77**	**1,68**	**1,28**	0,00	0,01	0,01	0,30	**1,28**	0,65	0,00	0,24	0,17	0,03	0,25	0,74	0,44	0,16	0,14	0,00	0,04	0,31
VIII	Peles	0,17	0,36	0,40	**6,77**	**3,25**	**3,76**	0,00	0,00	0,02	0,14	0,01	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,15	0,00	**15,51**	**3,30**	**3,30**
IX	Madeira	0,63	0,57	0,62	0,06	0,01	0,00	**2,26**	**3,29**	**1,90**	0,31	0,12	0,16	**8,72**	**20,85**	**7,25**	0,00	0,00	0,00	0,02	**1,45**	**2,06**	**8,43**	**8,92**	**7,47**	**1,88**	**1,03**	0,38	0,00	0,03	0,05
X	Papel e suas obras	0,22	0,45	0,23	0,15	0,03	0,02	**10,26**	**7,50**	**6,07**	0,74	0,13	0,05	**1,70**	**1,17**	**1,02**	0,15	0,99	0,24	0,00	0,00	0,00	**1,35**	0,65	0,21	0,41	0,01	0,03	0,00	0,00	0,00
XI	Matérias têxteis e suas obras	0,45	**1,45**	**1,27**	**1,21**	0,68	**1,51**	**1,53**	0,11	0,06	**2,34**	0,75	**1,30**	0,00	0,08	0,00	**4,86**	0,00	0,00	**8,86**	0,07	0,01	0,00	0,00	0,12	0,72	0,00	0,11	0,65	0,28	0,41
XII	Calçado	0,03	0,03	0,12	**1,86**	**1,35**	0,54	0,00	0,00	0,00	**10,01**	**9,09**	**6,90**	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	**1,50**	**4,42**	0,00	0,00	**3,13**	0,62	0,00	0,05	0,00	0,02	0,04
XIII	Obras de pedra	**1,05**	0,98	**1,21**	0,02	0,00	0,01	0,02	0,04	0,03	**4,06**	**6,50**	**3,20**	0,00	0,00	0,01	0,01	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	**1,96**	**8,33**	0,26	0,09	0,04	0,00	0,08	0,02
XIV	Pérolas	0,22	0,03	**1,54**	**7,28**	**1,74**	0,23	0,00	0,00	0,00	0,87	**1,40**	0,07	0,00	0,00	0,29	0,00	0,00	0,00	0,00	**11,98**	**2,19**	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,83	0,00	**20,42**	**16,81**
XV	Metais comuns e suas obras	0,92	**1,44**	**1,64**	0,49	0,40	0,32	0,45	0,22	0,12	**3,49**	**1,11**	**1,10**	0,02	0,07	0,22	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01	0,06	0,09	0,02	0,06	**5,76**	**7,97**	**6,91**	0,02	0,07	0,03
XVI	Máquinas e aparelhos	**1,43**	**1,70**	**1,90**	0,25	0,11	0,27	0,09	0,09	0,19	0,54	0,79	0,72	0,00	0,05	0,02	0,01	0,13	0,45	0,00	0,12	0,32	0,35	0,33	0,97	0,05	0,04	0,18	0,01	0,07	0,31
XVII	Material de transporte	**1,54**	**1,84**	**2,32**	0,03	0,01	0,02	0,00	0,01	0,01	0,04	0,22	0,15	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	0,06	0,00	0,00	0,00	0,00	0,10	0,00	0,01	0,00	0,00
XVIII	Instrumentos e aparelhos de ótica	**1,53**	**1,74**	**2,05**	0,03	0,19	0,29	0,00	0,00	0,10	0,13	0,39	0,21	0,00	0,00	0,01	0,00	0,01	0,01	0,00	0,04	0,07	0,00	0,00	0,00	0,00	0,58	**2,69**	0,01	0,04	0,09
XIX	Armas e munições	0,00	**1,88**	**2,37**	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XX	Mercadorias e produtos diversos	0,59	0,67	0,54	**1,89**	**1,63**	**2,50**	0,85	0,35	0,09	**2,46**	**1,74**	0,70	0,01	0,20	0,12	0,09	0,02	0,18	**1,76**	**2,27**	**1,27**	**1,49**	**1,76**	**1,92**	**8,56**	**7,57**	**5,40**	**2,60**	0,28	**1,46**
XXI	Objetos de arte	0,00	0,92	**2,34**	0,00	0,45	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	**5,83**	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XXII	Transações especiais	**1,49**	**1,84**	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,47	0,27	0,27	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Número de QLs > 1		**7**	**11**	**13**	**10**	**7**	**5**	**4**	**5**	**4**	**10**	**9**	**8**	**2**	**3**	**3**	**3**	**3**	**4**	**5**	**7**	**6**	**3**	**4**	**4**	**4**	**5**	**4**	**4**	**4**	**5**
Desvio padrão dos QLs		**0,52**	**0,60**	**0,77**	**1,99**	**0,87**	**0,97**	**2,29**	**1,88**	**1,45**	**2,30**	**2,41**	**1,63**	**1,87**	**4,43**	**1,55**	**1,25**	**0,71**	**0,63**	**2,10**	**2,62**	**1,48**	**1,80**	**1,94**	**2,33**	**2,18**	**2,27**	**2,01**	**3,32**	**4,36**	**3,58**
Média dos QLs		**0,76**	**1,04**	**1,19**	**1,30**	**0,73**	**0,71**	**1,02**	**0,92**	**0,68**	**1,75**	**1,67**	**1,08**	**0,52**	**1,20**	**0,55**	**0,48**	**0,32**	**0,36**	**0,93**	**1,18**	**0,89**	**0,61**	**0,81**	**1,10**	**1,04**	**0,99**	**0,99**	**1,08**	**1,37**	**1,32**
Coeficiente de variação dos QLs		**0,69**	**0,57**	**0,65**	**1,53**	**1,18**	**1,37**	**2,23**	**2,04**	**2,12**	**1,31**	**1,44**	**1,51**	**3,61**	**3,71**	**2,79**	**2,59**	**2,22**	**1,75**	**2,27**	**2,23**	**1,66**	**2,97**	**2,40**	**2,11**	**2,10**	**2,29**	**2,03**	**3,09**	**3,19**	**2,71**

Fonte: elaborado pelas autoras a partir de Comex Stat (BRASIL, 2022).

Pelos dados de exportações mostrados na Figura 1, existem ilhas ou polos de exportação no estado do Paraná. Com o fato já mencionado da correlação entre riqueza e exportações no Paraná, infere-se que as exportações podem ser uma fonte importante na construção dos polos de desenvolvimento. Como os produtos de exportação necessitam de infraestrutura para chegar ao seu destino, essa infraestrutura teve de ser criada, o que também possibilitou a migração populacional de regiões menores para os polos, que tiveram suas taxas de crescimento populacional e de produção aumentadas, então políticas públicas que visem a melhoria da infraestrutura podem contribuir para o aumento das vantagens comparativas/redução nos custos. O resultado será mais competividade para os produtos de exportações paranaenses (MACHOSKI; RAIHER, 2016).

A exportação é o cartão de visita em uma economia, isto é, como o país é visto lá fora. Quanto mais tecnologia, inovação e valor agregado forem a produção, mais desenvolvimento trará para a região. Com indústrias inovadoras e máquinas modernas que se têm economias de escala e escopo, refletindo em maior produtividade; em outras palavras quanto mais se produz, menor é o custo unitário de produção e maiores podem ser os lucros e salários envolvidos no processo produtivo (GALA; RONCAGLIA, 2020).

Ainda que não seja o objetivo deste estudo, destaca-se: vários são os caminhos para diminuir as assimetrias nas regiões encontradas nesta pesquisa. Por exemplo, uma estratégia pode ser a instalação de um Núcleo Operacional do Programa de Qualificação para Exportação (PEIEX) em uma região com pouca aptidão para o comércio internacional. O PEIEX é oferecido pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) para as empresas brasileiras iniciarem o processo de exportação de forma planejada e segura (APEXBRASIL, 2020). Ao longo de 2021, o PEIEX atendeu e qualificou 4.894 empresas, por meio da execução de 36 convênios, nas 5 regiões do país. Desse total de empresas: 74,44% estão na categoria de micro e pequenas empresas (MPEs); 677 exportaram em 2021, com valor total de R$ 661,3 milhões (um aumento de 9,8% no valor exportado por esse mesmo conjunto de empresas, na comparação com 2020) (APEXBRASIL, 2022). Isto é, mesmo que no comércio exterior não exista resultado a curto prazo, com planejamento e ação pode-se chegar no local desejado, ou seja, mais desenvolvimento regional.

5. Conclusões

Conhecer a região (e sobremaneira sua análise regional) é fundamental para o planejamento e para a criação de políticas com fins de desenvolvimento, diminuição das assimetrias regionais e criação de uma identidade (pertencimento) regional. A análise regional, especialmente para um país com dimensões continentais – como o Brasil – é essencial para deliberação de propostas e ações (sejam *top-down* ou *bottom-up*). Os métodos de análise regional (aí incluído o Quociente Locacional), contribuem para um maior entendimento do funcionamento das regiões e, assim, podem ser utilizados para as regiões atingirem seu pleno potencial.

O objetivo dessa pesquisa foi compreender como se deu o processo de dispersão espacial das exportações das mesorregiões paranaenses nos períodos de 2001, 2011 e 2021. Isto é, houve ou não diversificação na pauta exportadora das mesorregiões do Paraná entre 2001, 2011 e 2021? Para responder a esta pergunta de pesquisa, dois objetivos específicos foram definidos.

O primeiro foi identificar a seção de produtos mais importante na pauta exportadora do estado, verificou-se que a seção mais representativa em termos de valor exportado (FOB US$) foi a seção II, ou seja, produtos do reino vegetal que significou 29,0% do total exportado pelo estado em 2021. Considerando a medida de análise (neste caso o QL), três mesorregiões

contribuíram em maior medida para este resultado e mostraram maior dinamismo, foram elas: Metropolitana de Curitiba, Norte Central paranaense e Centro Ocidental paranaense.

O segundo objetivo específico, foi identificar qual mesorregião é mais especializada, aqui a mesorregião metropolitana de Curitiba apresentou um elevado valor de concentração, sendo que representou 42,19% do total exportado (FOB US$) e foi também a mesorregião mais especializada (13 seções com o QL >1). O que chama a atenção na análise do QL foi perceber que o oeste paranaense mesmo aparecendo em quarto lugar no ranking de valor exportado (FOB US$), foi a segunda mesorregião com maior número de especializações (QL) em 2021, foram 8 no período.

Os resultados indicam a concentração da exportação em algumas regiões, como foram os casos dos setores de pérolas e madeiras. Em outros setores, for observado uma maior desconcentração territorial, como as exportações de mercadorias. Políticas públicas em que os objetivos seja melhorar a competitividade das exportações paranaenses podem focar na melhoria das infraestruturas, em que o resultado pese na redução nos custos de transporte e redução nas perdas ocorridas no transporte entre o local de produção e de destino.

Este estudo incitou uma provocação no título, qual seja: análise da base de exportação das mesorregiões paranaenses entre 2001 e 2021: diversificação ou concentração? Verificou-se uma concentração das respectivas aptidões nas seções das mesorregiões. Isto é, não houve mudanças significativas nas pautas exportadoras das mesorregiões analisadas. Principalmente com a concentração da mesorregião metropolitana de Curitiba.

Uma limitação encontrada pelos pesquisadores refere-se à interpretação da variável de análise, isto é, o valor (US$) exportado. Não se trata da mesma medida proposta pelas variáveis emprego ou produção, haja vista que esta medida (valor US$ exportado) indica que o produto foi exportado naquela região e não necessariamente produzido nesta mesma região em que partiu a exportação.

As exportações podem ser fontes importantes de crescimento da renda e de diminuição das desigualdades regionais. Para isso, as regiões precisam alocar seus recursos para as atividades que venham a trazer maior retorno e que consigam explorar da melhor forma as vantagens adquiridas através das exportações.

Como sugestão de trabalhos futuros, propõe-se a inclusão da variável “empresa exportadora” por mesorregião na análise, para identificação da atividade produtiva e com isso aprofundar os resultados encontrados neste estudo.

Referências

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS (ApexBrasil). **Ensaios PEIEX 2020**. 1. ed. Brasília: Apex-Brasil, 2020.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS (ApexBrasil). **Itajaí (SC) recebe novo convênio do PEIEX, em parceria com a Univali**. Disponível em: <https://apexbrasil.com.br/content/apexbrasil/br/pt/conteudo/noticias/itajai-recebe-novo-convenio-do-peiex-em-parceria-com-a-univali.html#msdynttrid=DYJdeAkGk69aU_RU9fY0_m8d8k4lgjrasrDNdLaHyiw>. Acesso em: 31 mar. 2022.

ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. (Eds.). . **Análise regional: metodologia e indicadores**. Curitba, PR: Camões, 2012. p. 30–49.

BASSO, D.; TRENNEPOHL, D.; VIEIRA, E. L.; MUENCHEN, J. V. A dinâmica de

ocupação do espaço natural pelo processo de expansão da sojicultura no Brasil. **Informe GEPEC**, v. 25, n. 1, p. 164–184, 2021.

BRASIL. **COMEX STAT - Exportação e Importação Municípios: 2001, 2011 e 2021**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio/49262>. Acesso em: 11 jan. 2022.

BRAUN, M. B. S.; FERRERA DE LIMA, J.; CARDOSO, R. D. Inserção mundial e competitividade da agricultura brasileira. **Informe GEPEC**, v. 11, n. 1, p. 33–50, 2007.

CARMO, A. S. S.; RAIHER, A. P.; STEGE, A. L. O efeito das exportações no crescimento econômico das microrregiões brasileiras: uma análise espacial com dados em painel. **Estudos Economicos**, v. 47, n. 1, p. 153–183, 2017.

CHRIST, G. D.; ALVES, L. R.; PIFFER, M. **Análise regional do Oeste e Sudoeste do Paraná e ODS 8**. X Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. **Anais**...Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2021Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/21359/1192613459>. Acesso em: 21 nov. 2021

CHRIST, G. D.; STRAUCH, A. G. N.; SANTOS, L. P.; SHIKIDA, P. F. A. The competitiveness of Brazilian agribusiness in international trade. **Revista de Política Agrícola**, v. 30, n. 4, p. 122–139, 2021.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). **Trading into Sustainable Development: Trade, Market Access, and the Sustainable Development Goals**. UNCTAD/DIT ed. New York and Geneva: Nações Unidas, 2016.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed method approaches**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009. v. 3

DUARTE, V. N.; SCHNEIDER, M. B. **Capitais intangíveis e desenvolvimento territorial: algumas considerações**. XVIII ENANPUR. **Anais**...Natal: ENANPUR, 2019Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais/>. Acesso em: 5 mar. 2022

FERRERA DE LIMA, J. O desenvolvimento regional como fenômeno regional. In: SOUSA, C. M.; THEIS, I. M.; BARBOSA, J. L. A. (Eds.). . **Celso Furtado: a esperança militante**. Campina Grande: A união, 2020. v. 3p. 129–162.

FERRERA DE LIMA, J. O espaço e a difusão espacial do desenvolvimento econômico regional. In: PIACENTI, C. A.; FERREIRA LIMA, J. F.; EBERHARDT, P. H. DE C. (Eds.). **Economia & Desenvolvimento Regional**. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu, 2016. p. 15–40.

FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R. Mecanismos e propostas para acelerar o desenvolvimento local e regional no Paraná. In: RAIHER, A. P. et al. (Eds.). **Economia paranaense: crescimento e desigualdades regionaisense**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012. p. 205–232.

GALA, P.; RONCAGLIA, A. **Brasil, uma economia que não aprende: novas perspectivas para entender nosso fracasso**. 1. ed. São Paulo: Edição do Autor, 2020.

GALAFASSI, L. B.; ALVES, L. R. **Análise da distribuição espacial agrícola nas mesorregiões paranaenses entre 1975 e 2018**. 59º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) & 6º Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC). **Anais**...Brasília, DF: UnB, 2021Disponível em: <https//www.even3.com.br/anais/soberebpc2021/342670-analise-da-distribuicao-espacial-

agricola-nas-mesorregioes--paranaenses-entre-1975-e-2018>. Acesso em: 25 jan. 2022

GALAFASSI, L. B.; BEBBER, R. A.; SHIKIDA, P. F. A. Uma análise da distribuição espacial da produção de cana-de-açúcar no Paraná (1975-2018). **Teoria e Evidência Econômica**, v. 26, n. 55, p. 272–296, 2021.

HADDAD, P. R. Capitais intangíveis e desenvolvimento regional. **Revista de Economia**, v. 35, n. 3, p. 119–146, 2010.

HADDAD, P. R. Medidas de especialização. In: **Economia Regional: Teorias e Métodos de Análise**. Fortaleza: BNB-ETENE, 1989. p. 225–247.

HIDALGO, C. A.; HAUSMANN, R. The building blocks of economic complexity. **The Health service journal**, v. 106, n. 26, p. 10570–10575, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/>. Acesso em: 3 jun. 2021.

MACHOSKI, E.; RAIHER, A. P. Crescimento econômico, exportações e tecnologia: o caso paranaense. **Redes**, v. 21, n. 1, p. 84, 2016.

MADUREIRA, E. M. P. Desenvolvimento regional: principais teorias. **Revista Thêma et Scientia**, v. 5, n. 2, p. 8–23, 2015.

MAILLAT, D. From the industrial district to the innovative milieu: contribution to an analysis of territorialised productive organisations. **Recherches Économiques de Louvain / Louvain Economic Review**, v. 64, n. 1, p. 111–129, 1998.

MATOS, L. A. I. Notas sobre a Teoria de Mercado segundo a visão de Adam Smith , Jean-Baptista Say, John Maynard Keynes, Friedrich Hayek e Joseph A. Schumpeter. **História Econômica & Economia Regional Aplicada**, v. 3, p. 1–19, 2008.

MOULAERT, F.; SEKIA, F. Territorial innovation models: A critical survey. **Regional Studies**, v. 37, n. 3, p. 289–302, 2003.

NORTH, D. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

NORTH, D. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMANN, J. (Ed.). . **Economia regional e urbana: textos escolhidos**. Belo Horizonte: UFMG, 1977. p. 333–343.

OLIVEIRA, A. J. DE; GALDINO, M. Um ano após a crise: os impactos nas negociações internacionais. **Revista USP**, v. 0, n. 85, p. 16, 2010.

OLIVEIRA, I.; RIBEIRO, F. J. S. P.; TIRONI, L. F.; NONNENBERG, M.; CARNEIRO, F. L.; OLIVEIRA, G. A. S. International integration as a vector for the brazilian economic recovery: proposals for stimulating exports. **Revista tempo no mundo**, v. 26, p. 103–143, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable DevelopmentGeneral Assembly**. Nova Iorque: A/RES/70/1: [s.n.]. Disponível em: <https://undocs.org/en/A/70/L.1>.

PERROUX, F. Nota sobre o conceito de polo de crescimento. In: **A planificação e os polos de desenvolvimento**. Porto: Rés limitada, 1955. p. 5–27.

PIACENTI, C. A. **Indicadores do potencial de desenvolvimento endógeno dos municípios**

paranaenses no período 1999/2013. 1ª ed. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipu, 2016.

PIACENTI, C. A.; FERREIRA LIMA, J. F.; EBERHARDT, P. H. C. **Economia e Desenvolvimento Regional**. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipú, 2016.

PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. **Análise regional: indicadores e metodologias**. Curitba, PR: Camões, 2012.

PIFFER, M. **A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do estado do paraná no final do século XX**. Tese (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional)—Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

PIFFER, M.; AREND, S. C. **Desenvolvimento regional paranaense a partir da abordagem teórica de Douglass North**. IV Seminario Internacional sobre Desenvolvimento Regional. **Anais**...UNISC, 2009Disponível em: <https://www.unisc.br/site/sidr/2008/textos/67.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022

PLEIN, C. As instituições da pobreza: uma análise da microrregião de Pitanga (PR) a partir da abordagem institucional de Douglass North. **Informe GEPEC**, v. 18, n. 2, p. 120–136, 2015.

RODRIGUES, C. P. B.; ALVES, L. R. **Dinamismos Socioeconômicos e Multiplicador de Emprego: Análise Comparativa entre os Municípios da Mesorregião Oeste Paranaense e o Estado do Paraná entre 2000 e 2015**. Toledo, Paraná: [s.n.]. Disponível em: <https://www.ccsaunioestetoledo.com/iniciação-científica>.

SANTOS, L. P.; AVELAR, J. M. B.; SHIKIDA, P. F. A.; CARVALHO, M. A. Agronegócio brasileiro no comércio internacional. **Revista de Ciências Agrárias**, v. 39, n. 1, p. 54–69, 2016.

SANTOS, M. **Técnica, espaco, tempo: globalização e meio técnico-cientifico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SILVA, C. S.; LUZ, J. T.; GAFFURI, J. K. F.; ALVES, L. R. A base de exportação e a reestruturação das atividades produtivas no paraná. In: SHIKIDA, P. F. A.; GALANTE, V. A.; CATTELAN, R. (Eds.). **Agronegócio paranaense: potencialidades e desafios II**. 1. ed. Foz do Iguaçu: Editora IDESF, 2020. p. 52–75.

SIMÕES, R. **Métodos de análise regional e urbana:** diagnóstico aplicado ao planejamento. p. 25–27, 2005.